Preço 1$00 — Quinta-feira, 19 de Julho de 1956 — Ano II - N.º 71

Semanário

A PROVÍNCIA

INFORMAÇÃO • CULTURA • RECREIO

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALEN

Não há grande, nem pequena imprensa: Há apenas imprensa

Se classificarmos a Imprensa pelo formato do jornal, pelo número de anúncios de casamento, do «vende-se», do «precisa-se», do «procura-se», pelos títulos de «caixa alta» e pelos «fundos» estéticos, — confessamos que ela é GRANDE!

Se a classificarmos pela altura e largura das páginas miniaturais, pelos dois ou três anúncios amigos, pelos títulos modestos e pelos «fundos» emprestados, — confessamos que ela é PEQUENA!

Trata-se, porém, de medições, de tamanhos, de apresentações mais ou menos aparatosas, de ornamentações que provocam deslumbramentos aos «não entendidos» na matéria.

E tal como os homens se não medem aos palmos, também o valor dos jornais e, consequentemente, da Imprensa se não traduz pelos centímetros das dimensões, nem pelo aglomerado anunciativo das respectivas secções.

A missão é a mesma, os fins devem ser os mesmos: noticiar, doutrinar, orientar a opinião pública, espalhar luz e civilização.

É isto, afinal, que interessa.

E *isto* também o faz a PEQUENA IMPRENSA, com idêntica dedicação, com idêntico entusiasmo, com idêntico fervor.

Não percebemos, pois, porque se há-de classificar,

POR

Álvaro Valente

com sentido deprimente, com sorrisos de desdém, a Imprensa das aldeias que cumpre igualmente os seus deveres, as suas obrigações morais, como «gente miuda» que não tem cotação.

Quanto aos sacrifícios materiais, cremos que a chamada PEQUENA IMPRENSA, enlevada naquela missão e dominada pelas finalidades, ainda os sofre em muito mais quantidade, visto que os meios e os ambientes são reduzidos, em relação aos meios e ambientes da chamada GRANDE IMPRENSA.

Certo que o jornalismo se não faz em comprimentos e larguras, mas em essência, em chispa, em elevação, continuamos a afirmar que não há GRANDE, nem PEQUENA.

Há, apenas, Imprensa, — a nobre e sublime função civilizadora que engrandece quem a pratica e dignifica os que nela intervêm.

Em todas as profissões, em todas as indústrias, em todos os comércios, há grandes e pequenos profissionais, grandes e pequenos industriais, grandes e pequenos comerciantes, e, no entanto, todos são lavradores, carpinteiros, industriais, comerciantes, embora os lucros e as situações divirjam.

Somos todos, portanto, obreiros da mesmíssima tarefa, e nada importa que vistamos um fato de saragoça enquanto outros vestem indumentárias exuberantes e trazem nas lapelas o emblema das superioridades dimensionais.

Se amanhã se realizasse o preconizado congresso da Imprensa, ver-se-ia que também dessa PEQUENA IMPRENSA surgiriam valores indiscutíveis, valores como os da GRANDE, valores que honrariam a nobre e sublime função civilizadora.

(*Continua na página 7*)

PRATO DE ARROZ DOC

Por Amaral Frazão

Arroz doce é doce genuinamente português.

É doce de família, o doce do amor, o doce que pode unir almas e que já tem unido corpos. Onde aparecem os pratinhos de arroz doce não pode haver ódio. Só há amizade, alegria, comunhão de sentimentos.

Em casa de pessoa amiga vi um gato pequenino. Lindo, olhos verdes muito espertos. Saltitante, brincava com a inocência da idade, aquela inocência que devia ser sempre inocente como a alma dos bons e dos justos, qualquer que seja a idade.

Um bom conselho que que nos dá o filósofo: devemos diligenciar conhecer-nos, corrigindo os nossos defeitos e vencendo as nossas paixões.

No beiral de uma casa onde vou com certa frequência, um casal de andorinhas construiu seu ninho de amor. Ela, elegante, esbelta, estilizada. Ele, forte, donairoso, colaborando com a companheira nos mimos e na ternura pelos filhos.

E' uma lição para os homens a vida das andorinhas. Meigas, suaves, firmes no seu amor e nas suas convicções. Não mudam nunca. Vivem para a vida e da vida se sustentam.

Outro bom conselho: não devemos odiar seja quem for, mas amar os bons, animar os fracos, fugir dos maus.

Cruzei há dias, na rua, com um indivíduo que outrora me falava com certa cordialidade. Hoje, passa por mim e fala-me por favor ou, mais terra à terra, por cima da burra.

Não é coisa que me apoquente, está claro, mas quando o vejo faço logo este comentário com os meus botões: este, com certeza, ou actualizou o carácter ou mudou de política.

E é assim a vida. Esta vida, evidentemente.

Outro dito do filósofo: não nos envergonhemos de

(*Continua na página 7*)

CASTELOS DE PORTUGAL

CASTELO DE SORTELHA

A antiga vila de Sortelha, do Concelho do Sabugal, alcandorada a ombros ciclópicos na serra da Vila, desde que em 1228 lhe foi concedido foral por D. Sancho I, pode orgulhar-se da sua história.

O seu castelo roqueiro, juntamente com os de Penamacor e Monsanto, foi a sentineia vigilante contra os serracenos de Alcântara.

Dispõe a fortaleza duma torre de menagem, circundada por uma cintura de muralhas, a maior parte estruturada em rocha.

Parte, encontra-se já restaurada. E restaurados se encontram o pelourinho, a torre sineira, a igreja matriz, as duas portas da entrada na fortaleza e outros pormenores como cavernas, sepulturas romanas, recentemente encontradas, o que fez supor a permanência aqui de D. Sertório, — sucessor de Viriato no comando dos lusitanos contra os romanos.

A aldeia humilde de hoje com suas ruelas e escadarias, cavadas no maciço rochoso, com profundos sulcos de desgaste, construções de idades desconhecidas, encasteladas, como presépios de estética concebida a esmo, são bem o Cartão de Identidade desta antiquíssima terra solarenga, em que cada lage era uma defesa.

Famintos de Amor

Por Alsácia Fontes Machado

«Quanto mais conheço os homens, mais gosto do meu cão», — palavras de amargo cepticismo, ditadas pelo raciocínio de um homem invulgar, causticado pela ingratidão e pelo egoísmo humano.

Não obstante, podemos estar certos de que, de tudo, o que mais falta faz ao homem é o Amor. Ele pode não merecê-lo, porque sabe receber mas ainda não aprendeu a dar, pode clamar que lhe falta o pão que sacia a boca e a água que mitiga a sede, pode reclamar um tecto para se abrigar das intempéries e roupas para cobrir a nudez, pode implorar a Paz no meio das ameaças da Guerra, — mas em última análise, o que ele suplica, o qne ele mendiga, sem dúvida, é *Amor*. Mesmo que ele morda a mão que o salva, ou entregue ao carrasco o filósofo que o ensina ou o pensador que o defende, ele demonstra, num clamor atroz, *que lhe falta Amor*.

Olvidos, indiferenças, despeitos, rivalidades, invejas, egoísmos, ódios e guerras, de gigantescas e fatais consequências para toda a Humanidade e para o próprio globo terráqueo, cifram-se todos, na sua grandiosidade imensa, nesta frase pequenina e apagada: — falta de Amor.

Diz-se que o Mundo atravessa uma crise económica terrível, avassaladora, que a todos envolve em tentáculos de morte. Essa crise, porém, é o corpo vivente e palpável da força oculta que a produz e lhe fomenta a existência: — falta de Amor.

A hora qne a humanidade vive, é uma hora decisiva para a História e para o triunfo da Civilização. Estamos no limiar duma nova Era, em que todos os valores humanos vão ser revistos e coordenados para o desempenho cabal dos seus assombrosos deveres positivos. Equivoca-se quem tomar a aparência por realidade concreta. Raramente uma dor de cabeça não passa de um sintoma, de uma manifestação secundária de alguma alteração patológica distante. Não é a cabeça que dói ao que está enfermo, — é o corpo todo. É uma crise moral e não material que sufoca o mundo, embora a todos pareça o contrário.

O homem precisa mais de Amor que de Dinheiro. Quando o homem tiver encontrado o Amor, isto é, quando ele tiver aprendido a preferir *dar* em vez de *receber*, todos os problemas materiais estão resolvidos

(*Continua na página 7*)

MONTIJO

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Aveline Rocha Barbosa
Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias excepto ás sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva
Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia
CLINICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz
Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.as e 6.as feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr.ª Isabel Gomes Pires
Ex-Estagiária do Instituto Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina
Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira
Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale
Escritório: Praça da República, 4
MONTIJO

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar
Luís Moreira da Silva
Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114
MONTIJO

Telefone 026 367
Para boas Fotografias
Foto Montijense

Colónia Balnear Infantil
JOSÉ DA SILVA LEITE

No próximo passado dia 16 iniciou os seus turnos, na praia da Casa Branca, esta Colónia Balnear que tantos benefícios tem prodigalizado às crianças de Montijo.

Este ano são em número de 350 as crianças que vão beneficiar desta obra altruista e humanitária, — obra que funciona sob a égide do sr. José da Silva Leite, presidente da nossa Câmara.

É este benemérito que custeia todas as despesas da Colónia, a elas destinando todos os seus honorários de presidente da Câmara e pagando do seu bolso o que esses honorários não cobrem.

Este gesto a impõe personalidade do sr. José da Silva Leite e torna-o credor da gratidão dessas centenas de famílias que vêem as suas crianças usufruir tantos benefícios.

É interessante descrever a forma como a Colónia Balnear está organizada e como exerce a sua acção altamente salutar:

— As crianças são prèviamente sujeitas a uma rigorosa inspecção médica, que os doutores Eduardo Perdigão, Alcides da Cunha e Fausto Neiva efectuam, colaborando assim nesta simpática iniciativa.

As que forem reprovadas nessa inspecção, por falta de saúde, são cuidadosamente tratadas a fim de, no próximo ano, já puderem utilizar-se das vantagens e regalias da Colónia.

Transportadas todos os dias em autocarros, são ali assistidas por cinco vigilantes e por um banheiro.

A alimentação é esplêndida. É-lhes fornecida uma substancial refeição, composta de sanduiches, frutas doces, e leite.

Pela tarde, recolhem à vila e a suas casas.

Resta-nos acrescentar que essas crisnças são recrutadas entre as famílias mais pobres de Montijo, e que se procuram todas as crianças inscritas, com doenças ósseas, as quais por privilégio especial, frequentam todos os turnos.

Existe uma comissão que dedicadamente auxilia esta obra e que, com uma notável isenção e desinteresse, não deseja a publicidade.

São poucos os elogios para esta gloriosa iniciativa.

Registamos o facto e sentimos a maior satisfação pela soma de bem que desta forma se espalha pela mocidade da nossa terra.

Bem haja quem assim exerce essa soma de bem!

Os nossos cumprimentos e a expressão sincera das nossas homenagens.

Hospital Subregional de Montijo

Movimento estatístico de Janeiro a Maio do ano corrente:

Efectuaram-se 1.350 análises; 214 radiografias; 1.910 sessões de fisioterapia; 2.893 consultas; 1.885 tratamentos; 7.013 injecções; e 73 radioscopias.

Houve 945 casos de urgência; internaram-se 144 pessoas; efectuaram-se 21 operações e 45 partos.

No Dispensário Anti-Tuberculosos deram-se cerca de 1.600 consultas, estando ali internados actualmente sete doentes.

Concurso Hora Feliz

Ao deslacrar-se, no dia 12 do corrente e na nossa sede, o relógio do Concurso que a Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, da Praça 1.º de Maio, em Montijo, nos confia, verificou-se que parara nas:

12 horas e 17 minutos.

O cupão premiado pertencia à sr.ª D. Gertrudes da Conceição Elias, rua Tenente Valadim - 28, em Montijo.

Ainda pode e deve inscrever-se no CONCURSO HORA FELIZ!

DESASTRE

Em Algés foi vítima dum desastre o sr. António José Rita, filho do nosso prezado assinante, sr. Dr. António Gonçalves Rita, distinto advogado da nossa Comarca.

Lamentamos o sucedido e desejamos rápido restabelecimento, muito nos agradando o noticiar as suas melhoras, que sabemos já existirem.

Apresentamos ao nosso prezado assinante os sentimentos de «A Província» pelo lamentável acidente e cumprimentamos o lesionado.

Objectos perdidos

Comunica-nos o sr. Comandante do Posto da Polícia de Segurança Pública, de Montijo, que se encontram ali os seguintes objectos perdidos, os quais serão entregues a quem provar pertencer-lhes:

— 1 Fio de ouro, 1 porta-moedas c/ dinheiro, 1 camisola de lã, 1 caderno de música, 1 porção de pano de riscado, 1 porção de pano de chita, 2 lentes graduadas para óculos, 1 bolsa de lã c/ um brinquedo de porcelana, 1 quico, 1 lenço de mão para homem, 1 chave de fenda, 1 espanador de automóvel, 1 fecho duma porta de automóvel, um Bilhete de Identidade, em nome de José Rodrigues Lopes, 1 cédula pessoal, em nome de Francisco Silva Franco, 1 Cartão de Identidade da Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria Corticeira, em nome de Casimiro Maria Geraldo, 1 Cartão da Caixa Sindical Previdência dos Profissionais do Comércio, em nome de José Júlio Teixeira, contendo ainda uma fotografia de senhora, e diversas chaves.

Na Estação dos C. T. T., também em Montijo, uma sombrinha de senhora.

S. F. 1.º D.

Veio apresentar cumprimentos de despedida, à nossa Redacção, esta colectividade montijense na hora de sua partida para terras de Espanha.

Agradecemos, muito sensibilizados, a penhorante atenção e fazemos votos pelo êxito da sua viagem.

Temos a certeza de que honrará o seu passado e a terra que vai representar.

No próximo número faremos mais larga referência a este acontecimento, não o fazendo já por ser totalmente impossível, dado que o nosso jornal se ultima na quarta feira de cada semana, para chegar às mãos dos leitores na quinta de manhã.

Direcção do Distrito Escolar de Setúbal

Exames do 2.º Grau

Estes exames tiveram início no dia 16 do corrente, às 9 horas, e realizam-se apenas nas sedes dos concelhos.

No distrito de Setúbal estão constituídos 63 júris para examinar 4.044 candidatos de ambos os sexos.

Em Montijo, 5 júris para 337 alunos.

Os interessados devem consultar as pautas que estão afixadas nos locais do costume.

Ecos das Festas Populares de S. Pedro

— A Sociedade Filarmónica Lealdade, de Pinheiro de Azere (Beira Alta), que tão simpática se tornou pela modéstia da sua apresentação nas nossas festas, distribuiu pelas terras por onde passava, na sua vinda para Montijo, os seguintes impressos:

A «Sociedade Filarmónica Lealdade Pinheirense», de Pinheiro de Azere (Beira Alta), que segue em excursão ao Montijo, onde vai colaborar nas Grandiosas Festas Populares de S. Pedro, ao passar por esta ridente e encantadora terra, saúda o seu bom Povo.

A Direcção

Em nome de Montijo, «A Província» agradece a graciosa propaganda que essa colectividade assim fez da nossa terra e das Festas Populares de S. Pedro.

Banda Democrática 2 de Janeiro

Na próxima segunda feira, 23 do corrente, pelas 22 horas, realiza-se nesta Esplanada um grandioso espectáculo que, certamente, vai constituir um acontecimento local de grande vulto.

A Marcha Popular dos Pescadores exibir-se-á com o seguinte programa:

1.ª Parte

Fantasia a duas colunas, Formação da palavra MAR, Roleta Giratória, Fantasia a três colunas, e Moinhos Giratórios.

2.ª Parte

Colunas entrelaçadas, Ancora luminosa, Dupla Roda em movimentos trocados, e Iniciais da Marcha Popular dos Pescadores.

A calcular pelo êxito que alcançou em Setúbal e nas Festas Populares de S. Pedro, a Marcha vai acrescentar mais uma noite gloriosa às da sus pequena mas já bem vinculada carreira de sucessos.

«A Província», como órgão da imprensa montijense, regozija-se pelo facto da nossa Marcha ir assim marcando a sua existência, com tanto brilho e tanto colorido.

Organizações Progresso
AGENCIA PUBLICITÁRIA
Apresenta semanalmente, no Clube Radiofónico de Portugal, todas as 3.as feiras e sábados, respectivamente às 13 e às 22 e 15 horas o programa radiofónico
REVISTA DESPORTIVA
15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte
Organizações Progresso
Av. de Roma, 207, 3.º - Esq.º
LISBOA

SANFER, L.DA
SEDE — LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º
ARMAZÉNS — MONTIJO, Rua da Bela Vista
AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Que não falte na sua mesa o café de
«A JAVANEZA»
Rua do Arsenal, 102
Telef. 22722
Enviam-se encomendas para a província

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 19 a menina Noélia Tomé Martins, nètinha do nosso dedicado assinante Sr. Manuel Jerónimo.

— Dia 21 a Sr.ª. D. Ana Maria Caria Peixoto, nossa dedicada assinante em Coimbra.

— Dia 21 o menino Mário Augusto Salgado Ribeiro, filho do nosso estimado assinante, Sr. Joaquim Sérgio Caria Ribeiro.

— Dia 28 a Sr.ª. D. Francisca Cardeira Almeida, mãe da nossa estimada assinante, menina Maria Antonieta de Cardeira de Almeida, residente em Boleita, VENEZUELA.

Notícias

— Regressaram duma viagem de recreio pelo Norte do País, o Sr. Mário Ribeiro, nosso dedicado assinante em Lisboa, com sua Ex.ma Esposa, filho, nora e nètinho.

Nascimento

Nasceu no dio 1 de Julho uma criança do sexo feminino, filha da Sr.ª D. Maria de Lourdes de Melo Loureiro Alecrim Ferreira Henriques, esposa do conceituado industrial, nosso prezado assinante Sr. Edmundo Ferreira Henriques, residente em Lisboa. Os nossos parabéns.

A acção cultural do Sindicato Nacional dos Tripulantes de Navegação Fluvial do Rio Tejo, do Distrito de Lisboa

Nos recentes exames dos alunos dos Cursos de Educação de adultos do Sindicato Nacional dos Tripulantes de Navegação Fluvial do Rio Tejo do Distrito de Lisboa, ficaram aprovados 36, sendo oito da quarta classe (2.º Grau).

Sabemos que muito em breve, à semelhança do ano transacto, os diplomas serão distribuidos solenemente.

Entretanto, os Cursos continuam a funcionar durante o verão, pelo que aqui se avisam todos os interessados que devem matricular-se, aproveitando tão útil iniciativa do benemérito e activo Sindicato.

Desastres de Viação

— No passado domingo, 15 do corrente, perto do Apeadeiro de Sarilhos, foi atropelado por uma camioneta pertencente a Jose Pedro, de Ponte de Sor, António Cândido Feijão, de 40 anos de idade, casado, residente no Afonsoeiro.

A vitima deu entrada no nosso hospital; mas, em virtude do seu estado inspirar sérios cuidados, foi transportado para o hospital de Lisboa, com suspeita de graves lesões internas.

— No dia 16 do corrente, na Praça 1.º de Maio, em Montijo, um automóvel, conduzido por Fernando Ribeiro dos Santos, de Almada, atropelou Aníbal José Alves, de 29 anos, solteiro, trabalhador, natural de Santiago de Oliveira e residente no Alto das Vinhas Grandes.

O atropelado seguia numa bicicleta e ficou muito ferido no pé direito.

Foi tratado também no nosso hospital subregional.

— No dia 17, pelas 10 horas e 40 minutos, perto do sítio da Jardia, José Manuel Soeiro Trindade, morador no Largo do Jardim do Operário, em Portalegre, condutor da camioneta A I-15-73, pertencente à Sociedade Corticeira Robinson Bros, Lda., atropelou Joaquim na Silva Rildó, de 30 anos de idade, casado, trabalhador, natural de Palmela e aí residente.

A vitima do acidente ficou em estado grave, seguindo para os Hospitais Civis de Lisboa, depois do primeiro tratamento no nosso hospital.

— A Polícia de Viação e Trânsito tomou conta destas ocorrências.

Campanha Nacional de Educação de Adultos

Sessão de Cinema no Afonsoeiro

Por incumbência da Direcção do Distrito Escolar e organizada pela Directora da Escola Feminina do Afonsoeiro, realiza-se no próximo dia 27 do corrente pelas 21 horas, no Afonsoeiro, uma sessão de cinema cujo intervalo será preenchido com uma pequena palestra sobre assunto cultural apropriado.

Esta sessão faz parte da difusão de cultura para o povo, que a Campanha N. de E. de Adultos em tão boa hora iniciou.

Chamamos a atenção...

Na estrada que conduz à Ponte dos Vapores faltam, há muito tempo, duas ou três árvores do lado esquerdo, na fila das que, por sinal, estão bem desenvolvidas e bonitas.

Sabemos que não é agora o momento preciso de as plantar; mas, por isso mesmo, lembramos a falta para ser remediada quando for a altura própria.

E lembramos porque faz um efeito desagradável à vista, olhar e notar aquele espaço intervalar das árvores, destoante da graça e da beleza das que estão dos lados.

Esperamos que o nosso reparo seja atendido e, desde já, agradecemos essa atenção.

A Casa da Criança

Segundo informações fidedignas, vão começar em breves dias as obras de construção desta simpática iniciativa de assistência infantil.

Desde a primeira hora que «A Província», tem dedicado a este assunto toda a sua atenção, e nas suas colunas, por vezes, se agitou o problema, quando parecia que ele se adormentara.

É legítima, portanto, a nossa satisfação ao sabermos que se caminha, finalmente, para as realidades.

Continuamos mantendo a mesma atitude.

Sempre que a nossa intervenção for necessária, sempre que o nosso auxílio for solicitado, aqui estamos inteiramente ao dispor dos iniciadores.

Há muito que fazer neste campo, em Montijo.

A população infantil cresce a cada instante, e assim se torna mais instante ainda a aplicação de meios e de medidas que a protejam.

Os benefícios que a Casa da Criança pode dispensar são do maior relevo.

Esperamos que as comissões nomeadas não desanimem e imprimam a mais enérgica actividade à efectivação dessa tão bela obra.

São os nossos votos, de acordo com a divisa que ostentamos e defendemos: *Por um Montijo sempre melhor!*

Falta de telefone

Não se comprende porque a Estação local dos Caminhos de Ferro não tem um telefone para o uso da população montijense.

Na verdade, estando essa Estação bastante deslocada do centro da vila, é preciso dispor de muito tempo para saber qualquer pequeno pormenor de horários ou doutros assuntos, o que prejudica e não é prático.

Nem se justifica que, sendo a Estação de Montijo uma das de mais rendimento e de maior movimento, lhe falte um telefone.

Estamos convencidos de que há apenas um simples esquecimento, e esperamos que a nossa justa reclamação será atendida por quem de direito.

Entretanto, como é sempre nosso costume, desde já agradecemos a atenção que for dispensada ao nosso reparo.

Frequência de Desastres de Viação

A frequência dos desastres de viação, — neste número noticiamos três — obriga-nos a algumas considerações e leva-nos a solicitar providências urgentes quanto a este estado de coisas.

Nas estradas, como nas artérias da vila, chega a ser mais que perigoso transitar, principalmente de bicicleta.

Ora é evidente que isto assim não pode continuar.

Bem sabemos que o trânsito aumentou consideràvelmente; mas sabemos também, porque o vemos, que a velocidade dos veículos motorizados, quer nas estradas, quer na vila, atinge por vezes excessos que é preciso reprimir.

A vida dos cidadãos não pode estar à mercê de excessos de velocidade, nem de falta do cumprimento das disposições legais quanto ao trânsito.

Aqui deixamos o nosso brado de alerta, convictos de que se tomarão providências para que se modifique esta situação.

Vende-se

— PRENSA completa para espremer bagaço de Uva. Informa F. Rosa & Irmão, Ld.ª Montijo.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 19 — *Montepio*
6.ª-feira, 20 — *Moderna*
Sábado, 21 — *Diogo*
Domingo, 22 — *Giraldes*
2.ª-feira, 23 — *Montepio*
3.ª-feira, 24 — *Moderna*
4.ª-feira, 25 — *Diogo*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 9 e 10 horas.
6.ª-feira — às 8,30 e 9 horas.
Sábado — às 6 e 10 horas.
Domingo — às 8, 9, 10 e 11,30 horas (Atalaia) — 11,30 e 18.

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 19; «Terras da Morte Branca», e «Vai Chamar Pai a Outro».

Sábado, 21; «A Hora da Vingança», e «A Sombra do Destino».

Domingo, 22; Um *filme* de tese que faz meditar e que deve ser visto por toda a gente, «A Filha de Caim».

2.ª feira, 23; O *filme* em cinemascópio, que arrebatou a crítica pela sua concepção e audácia, «Paixões Sem Freio».

Vendem-se

— TELHA PORTUGUESA, usada, pequena quantidade, em boas condiçoes. Tratar na Rua da Aldeia Velha, 11 — Montijo.

— PRÉDIO NA ATALAIA, composto de r/c e 1.º andar, com frente para o largo. Trata-se na Rua Santos Oliveira, 20 — Montijo

— 2 LOTES DE TERRENO para construção, no Bairro da Bela Vista — Informa-se pelo Telefone 026452.

Leilão

— 2.ª feira 23; — de roupas, muito ouro, máquinas de costura, bicicletas, aparelhos de T.S.F., relógios etc, na casa de penhores Rua da Cruz, 23 — Montijo.

Trespassa-se

— MERCEARIA, situada em bom local, e condições de futuro, por motivo de retirada. — Informa-se nesta Redacção.

Precisa-se

— QUINTA ou FAZENDA, murada, com casa para habitação, afastada o máximo 15 Km. de Montijo.

Recebem-se propostas na redacção deste jornal.

SEGURE O FUTURO DE SEUS FILHOS

— Com uma apólice da «*IMPÉRIO*».

— Se não conhece ainda o Seguro de vida,

«*EDUCAÇÃO*» *da IMPÉRIO*, peça informações detalhadas e sem compromisso, ao Agente da C.ª de Seguros «*IMPÉRIO*» *FERNANDO A. C. PEDROSO* — Telef. 024059 — *ALHOS VEDROS*.

(Só enviamos para os concelhos limitrofes).

Camiões

— Os seguros aumentaram de 10 a 100%. Se tem dificuldade em pagar a anuidade, pode pagar em 12 prestações mensais.

Agente em Montijo, Francisco José da Silva - Telef. 026150.

do Minho ao Guadiana

Baixa da Banheira

(Alhos Vedros)

— Clube União Banheirense «Chinquilho» — Em 16 de Junho p.p. foi inaugurada a aprazível e atraente esplanada desta colectividade com um grandioso baile que teve uma larga concorrência, reinando a maioir alegria e animação de principio ao fim.

Abrilhantou êste baile o conjunto Musical «Blue Star Melody» — um dos principais de Setúbal.

Em 17 teve lugar um grandioso baile dedicado a sócios e suas famílias, abrilhantado pelo conjunto Musical «Os Mexicanos» do Barreiro.

Em 23 e 24 realizaram-se mais dois animadíssimos bailes, dedicados aos sócios e suas famílias, os quais foram abrilhantados pelo alegre e simpático C. M. «Ideal Ritmo,» nosso estimado assinante no Lavradio.

Em 30, mais outro baile, abrilhantado pelo C. M. «os Cariocas» um dos melhores da Moita do Ribatejo. — (C.)

Vila Nova de Miltontes

Grândola

Campanha N. de Educação de Adultos

Realizou-se no passado dia 8, nos Paços do Concelho de Grândola, uma grande reunião presidida pelo Senhor Dr. Miguel Rodrigues Bastos, ilustre Governador Civil de Setúbal, da Comissão Distrital da Campanha Nacional de Educação de Adultos, em conjunto com as 13 Comissões Concelhias do distrito. Foram tratados importantes problemas relativos à luta contra o analfabetismo, e prestada homenagem a um agente de ensino recentemente condecorado por S. Ex.ª o Senhor Presidente da República. — (C.)

Cruzamento de Pegões

As festas de S. João decorreram com brilhantismo invulgar.

O arraial foi muito animado, notando-se grande concorrência de forasteiros. Foram abrilhantadas pelo conjunto musical «Os Falcões», que surpreenderam o público pela sua boa actuação. Durante as duas noites, foi queimado um vistoso fogo de artifício, que terminou de madrugada.

O Torneio de Tiro aos Pratos teve grande número de concorrentes e decorreu de forma admirável.

I.º Prémio «Taça Soc. R. do Cruzamento de Pegões», foi ganha pelo grande atirador, sr. Custódio F. Narciso, do Cruzamento de Pegoes, depois de duro desempate com o excelente atirador de Montijo, sr. Jorge Tavares, a quem coube o 2.º Prémio, «Taça C. F. Narciso».

O 3.º Prémio foi para Vendas. Novas, atribuído ao distinto atirador, sr. Francisco Luís Quintal. — (C.)

Lagoa do Calvo

Poceirão

O Grupo Desportivo de Lagoa do Calvo deslocou-se a Pégões-Gare no passado dia 24 (dia de S. João), a fim de tomar parte num torneio organizado pelo Grupo local, tendo ficado finalista por ter vencido o Sporting Clube de Landeira por 4-0, perdendo em seguida na final com o Grupo da Casa do Povo de Canha por 2-1. Alinharam em ambos os desafios: Gonçalves, Baptista e Roque, Marcolino, Pereira e David, Carvalho, Roula, Lopes, Cadimas e Mourinho, não sendo possível distinguir qualquer jogador, pois todos se bateram com energia e correcção.

No fim do torneio foi-lhes servido um lanche pelo grupo local, a que assistiram jogadores e directores. — (C.)

José António Moedas
APRESENTA

Falando de...

Hilário Chardonnet,

inventor da seda artificial

As senhoras, sabiam-no? Talvez não. Pois a seda artificial — que «não era outra coisa senão colódio, ou seja nma dissolução de algodão pólvora, fulminato, nitrocelulóide, piróxido) numa mistura de éter e alcool» — foi descoberta por este senhor de nacionalidade francesa.

Hilário Chardonent, que foi sábio e filantropo, levou na sua primeira tentativa cerca de 20 anos de aturados e meticulosos estudos. Porém, no dia em que julgou ter alcançado o seu objectivo, uma violenta explosão destruiu por completo o seu laboratório montado no castelo de Vernay.

Longe de esmorecer, lançou-se afanosamente, se possível ainda com mais ardor, na luta em que estava empenhado.

A proficuidade do seu labor incessante veio a ter o prémio final em 1884, ano em que Chardonnet conseguiu fabricar a primeira fibra de seda artificial.

Um anó depois, montou a primeira fábrica do género, na sua terra natal — Besançon —, para passados quatro anos vender as suas patentes aos Estados Unidos. Faleceu em 1919.

Ora, tome nota...

— O Brasil é o maior país católico do mundo, com 48 milhões de crentes; em segundo lugar está a Itália com menos meio milhão; e em terceiro a França com 35 milhões.

— Sabia que o cabelo do homem cresce, em média, quinze centímetros por ano?

— 7.200.00 dólares, foi o preço pelo qual o território do Alaska foi vendido aos Estados Unidos pela Rússia, sendo a sua superfície de 1.519.000 quilómetros quadrados.

— O primeiro homem a avistar a América não foi Cristóvão Colombo, como vulgarmente se usa dizer, mas sim o marinheiro do seu barco, Rodrigo de Triana, que por essa altura se encontrava de vigia no mastro real.

Um sujeito prático, não há dúvida!

Há tempos, em Wellington, na Nova Zelândia, um suicida julgou por conveniente não maçar os que cá ficavam, com os mistérios e complicações que costumam rodear este género de mortes, principalmente quando esses indivíduos se lembram de escrever cartas, deixar vestígios que possam comprometer outrem, etc... E sabem o que ele fez quando deliberou pôr termo à sua existência? Apenas isto: chamou um «taxi», meteu-se nele e disse ao «chauffeur»: «Siga para o necrotério». Perto do local, esfaqueou-se corajosamente, sem uma única súplica.

Terminada a viagem, esvaziando-se em sangue, pagou ainda a conta e, saindo do auiomóvel, deu alguns passos em direcção àquele estabelecimente, veio a cair junto à porta. De maneira que os empregados do necrotério só tiveram que levá-lo para a respectiva mesa.

Não há duvidas que esta foi a mais prática e menos incómoda maneira que um suicida poderia arranjar.

Datas

1215 — É assinada a Magna Carta.
1630 — Torricelli, estabelece as leis do escoamento dos líquidos.
1648 — Tratado de Westefália.
1752 — Franklin inventa o pára-raios.

Antologia da quadra

Não fales sem reflectir
Que a palavra é como a bala;
- Quando se deixa partir
Não há quem possa agarrá-la.

Silva Tavares

Pensamentos

■ O verdadeiro patriotismo consiste não no amor do solo, mas no amor do passado, no respeito pelas gerações que nos precederam. — *Fustel de Coulanges*

■ Um grsnde amor só pode existir à sombra de um grande sonho *Edmond Rostand*

■ A pedra de toque faz conhecer a qualidade do oiro, e o oiro o carácter dos homens — *Solon*

■ Sejam as memórias da pátria que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque à energia social e aos santos afectos da nacionalidade. — *Alexandre Herculano*

Responda se souber

1 — Qual é a maior ilha da Terra?
2 — Quem escreveu o livro «Os homens e os outros»?
3 — Quem descobriu os mares de Terra Nova?
4 — Qual o maior dia do ano?
5 — Qual o pseudónimo do autor de «A morgadinha dos Canaviais?
6 — Onde nasceu Ramalho Ortigão?
7 — Qual o principal intérprete do *filme* «A Bela Otero»?
8 — Em quantas partes se divide a lagosta?
9 — A que província pertence Castro Daire?
10 — Quem escreveu o livro «Olhai os lírios do campo»?

Os Portugueses no Texas

College Station, Texas

Por Ramiro Ferrão

Os texanos são famosos em toda a América pelo seu feitio gabarola, sempre pronto a exaltar as riquezas do seu Estado, de mistura com louvores à valentia dos seus homens e à beleza das suas mulheres.

Os outros americanos mofam desta fraqueza; mas, se nem sempre tomam a sério algumas das histórias destes habitantes do Sul, sentem-se em dificuldades para diminuirem a euforia de dólares que sai dos campos de petróleo, dos algodoais e das pastagens planas do Estado da Estrela Solitária.

O estrangeiro, menos castigado pela exuberância texana, não tem qualqer dificuldade em aceitar a versão leal depois de se extasiar ante as terras negras que marginam o golfo do México e de ter olhado para as bombas que, entre pacíficos ruminantes, sugam da terra precioso petróleo.

O ibérico que percorre os Estados Uuidos sente-se reviver ante o reaparecimento de algo que lhe recorda — ainda que à distância — o selo forte da Espanha ardente. Volta-lhe aos ouvidos o som familiar da língua de Garcia Lorca, descobre na indumentária do *cow-boy* e nos arreios do seu cavalo, influências cordovesas e traços indeléveis de Andaluzia.

Se este ibérico é português, procura por toda a parte, na terra e na sua história, pontos de contacto, pois algo lhe diz que não é possivel haver parte do globo que pés de barbudos lusitanos não tenham palmilhado.

Aqui no Texas começa por ir aos livros e desanima ao saber que nesta terra, grande como a sua Península, não vivem mais do que quatro vintenas de compatriotas.

É pouco para o conjunto dos Estados Unidos, onde se albergam para cima de duzentas mil pessoas de estirpe lusa.

Ao desânimo inicial sucede nova esperança, e me breve sorri de satisfação e grita não «Eureka!» mas «Cá está!»

E a lista abre com a expedição de Hernando de Soto que revelou ao mundo a grandeza plácida do Rio Mississipi e sulcou, entre aventuras e morte, as distâncias ora alagadas como esponjas, ora secas como aço, que vão da Flórida aos Ozarks.

Com ele e a sua gente seguiram sete ou oito portugueses e um deles — um fidalgo de Elvas chamado Álvaro Fernandes — não foi esquecido pela História.

Foi, porém, Francisco Vasques de Coronado, governador de Nueva Galicia, quem percorreu a maior parte do actual Texas em expedição organizada, de que faziam parte cerca de cinco portugueses.

O amor próprio do leitor ficará impante quando souber que um destes, André do Campo, seguiu para o Norte em coluna separada do corpo da expedição, atingindo em 1542 terras do que é hoje o Estado do Kansas, no centro geográfico dos actuais Estados Unidos da América.

Quem da pujante cidade de Houston siga para o Sul em direcção à Baía de Galveston, cruza Pasadena entre cheiros de butano e gigantescas refinarias que, à distância, parecem brinquedos no meio da planície imensa.

Em certa altura vira à mão esquerda e depara com altíssimo obelisco (o mais alto do Mundo, dizem os texanos) que comemora a batalha que ali, em San Jacinto e em 1836, separou definitivamente do México a República do Texas.

A base do gigantesco monumento abriga um museu que relembra aos visitantes todo o passado da terra dos *cow boys* e, nos 300 anos de domínio espanhol, os mais longos da sua História, nos documentos filipinos, as quinas e os castelos do escudo de Portugal.

Mas o auge chega quando, após ter andado à volta das paredes exteriores da base, lendo inscrições com os factos mais notáveis da luta pela independência do Texas, o nosso patrício descobre na lista das nacionalidades dos voluntários que se bateram contra os mexicanos o nome de Portugal entre os de algumas outras nações europeias.

Vibra de entusiasmo, incha de orgulho, pega na sua *kodak* e fixa no papel fotográfico o que se sente incapaz de registar no papel de escrita por, para tal, lhe faltar o engenho e a arte.

VISITANDO A FEIRA POPULAR DE LISBOA

A grande iniciativa de «O Século»

Lisboa progride a olhos vistos desde o Século passado, num crescendo vertiginoso a irmanar-se com as cidades irmãs de além fronteiras. O velho Passeio Público, que se situava por alturas da Praça dos Restauradores, deu lugar às Feiras de Agosto e de Santos já extintas, — estas dos tempos da minha meninice, que mais tarde o Parque Mayer tentou substituir, não tendo conseguido mais do que estabilizar-se.

Sùbitamente, pode dizer-se, em moldes em parte decalcados nos grandes LUNA-PARKS internacionais, de Paris, Londres, Berlim ou Nova Yorque, o jornal «O Século» organizou a Feira Popular de Lisboa, a favor da sua Colónia Balnear Infantil, estabelecimento modelar de S. Pedro do Estoril onde os filhos dos seus funcionários, e algumas crianças menos protegidas pela sorte, podem passar umas férias de Verão, em boas condições de higiene e de abundância, disfrutando dum lugar ao Sol sob os eflúvios iodados do mar ali perto.

Fazendo o bem, a Feira Popular de Lisboa proporciona, de alguns anos a esta parte, uma diversão moderna, onde os seus visitantes disfrutam duns momentos bem passados entre os mil e um divertimentos, de par com uma expansão comercial e industrial.

Lisboa, debruçada sobre o Tejo, a cidade pacata que trabalha, recebeu de braços abertos a bela iniciativa deste nosso colega da Imprensa, iniciativa esta que veio preencher, modernizando, a lacuna vaga das velhas feiras da sardinha assada, do tiro ao alvo, do pim-pam-pum e dos «cavalinhos», com um recinto aprazível, com «*water-chutes*», «carrocéis» modernos, uma «grande-roda» bem construida e com segurança.

Como a recordar os tempos das velhas feiras, também ali há uma rua reservada aos tradicionais restaurantes da sardinha assada.

Correspondendo a esta obra altruísta de «O Século», cujo Director de Publicidade é o snr. Joaquim Pavão, o povo acorre desde o início da Feira Popular, invadindo o Parque das Laranjeiras; e Lisboa, vaidosa qual madona recostada no divã das suas sete colinas, já se ufana de, praticando o bem, ter um recinto cosmopolita de diversões que se equipara, sem favor, ao Luna Parque de Paris, que o signatário desta crónica despretenciosa teve ensejo de visitar há tempos, no decorrer duma viagem que fez à cidade da Luz.

Aníbal Anjos

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Pela Imprensa

— Completou 39 anos de vida jornalística a «*Gazeta de Cantanhede*», da Direcção de Henrique Barreto. Cumprimentamos e desejamos o prolongamento indefenido dessa vida, com as maiores venturas.

— O jornal «*Linhas de Elvas*» que ali se publica, transcreveu o artigo «O primeiro jornal publicado na Europa», que «A Provincia» inseriu no seu n.º 67.

Muito reconhecidos pela deferência.

Presunção e Água Benta...

Ao leitor assíduo dum jornal, que só se sente satisfeito após o ter devorado de ponta a ponta, deparam-se-lhe por vezes notícias e anúncios pasmosos.

Nas secções destes últimos tenho reparado em alguns que, pela sua singularidade, chamam a atenção e sugerem comentários humorísticos, quando não uma crítica, como este que passo a transcrever tal qual o li num vespertino de grande expansão:

Título de Nobreza,

vende-se, etc....

Sorri ao lê-lo; não a pensar no vendedor, que esse, longe de merecer escárneo, muito pelo contrário, e, conquanto não seja hábito venderem-se títulos de nobreza, que os não há por aí aos pontapés, está no plenissimo direito de vender aquilo que lhe pertence.

Sorri, porque me lembrei da imensidade de compradores que por força havia de ter o ambicionado título.

Sim, porque há por aí muito boa gente que só espera uma oportunidade como esta para obter aquilo que o seu dinheiro, ou a presunção, ainda não conseguiram, que é entrar na sociedade com um título altissonante a acompanhar o nome... quantas vezes prosaico.

Este prefácio (chamemos-lhe assim) serviu apenas para recordar a propósito um episódio a que assisti; e embora nada tendo de especial, é suficientemente elucidativo quanto à presunção de certa gente.

Um sujeito de vaidade mais que comprovada, pelo seu recheado guarda roupa, contrastando tristemente com o cérebro pouco recheado, apareceu certo dia com prosápias balofas, exibindo numa roda de conhecidos, entre os quais me contava, uma carta escrita à máquina e sem assinatura, na qual se encontrava descrita pormenorizadamente a sua ascendência de avoengos ilustres, da mui nobre casa de..., dos quais ele descendia em linha recta, podendo, portanto, usar o título como muito bem lhe aprouvesse.

Delirou o tal sujeito com esta oportunidade, que vinha coroar de êxito os seus nobres intentos.

Claro que descurou procurar saber qual a proveniência da dita carta que, sem mais preâmbulos, lhe anunciava tão dourado título.

Imediatamente se me dirigiu, a pretexto de eu ter «um certo jeito para o desenho», e me encomendou um brasão, sem mais aquelas, — como se o brasão fosse coisa que se imaginasse a nosso belo talante.

Acedi com prazer, e sem que ele notasse, desenhei-lhe minúsculo brasão (era destinado a um anel) encimado pelo tradicional diadema de que constavam, entrelaçadas, uma navalha de barba, uma tesoura, e no outro lado um pincel e uma máquina, — e tudo isto porque o pai era o honrado dono de uma próspera barbearia!

Feito o anel, dias depois apresentou-se o então já titular amigo na nossa roda de conhecidos, exibindo petulantemente no anelar da mão esquerda a prova da sua ascendência azulada.

Desconfiando da origem daquela carta, andávamos intrigados, e procurávamos adivinhar qual teria sido o autor da proeza, quando aquele que lhe havia pregado a partida se desmascarou, mostrando-lhe a cópia da carta que ele recebera.

Eu, por minha vez, acabei por desmoronar o castelo pomposo que ele arquitectara, alicerçado na carta famosa, caída do céu, explicando a complica da concepção do anel.

O nosso «nobre amigo» encabulou e teve esta saída airosa: «Não me dou por vencido sem consultar a Torre do Tombo.»

E lá se foi.

E o título também...

Mário Martins

Poetas de Portugal

Fantasia

Gostava de ir contigo, pla tardinha,
A' hora luminosa do poente,
Quando o Sol nos abrasa em beijo ardente,
Teu olhar no meu... tua mão na minha...

E nessa claridade transparente,
Ouvindo a tua voz que me acarinha,
Como voa na luz uma andorinha,
A minha alma voava alegremente.

Sem ter no coração outros cuidados,
Livres, felizes como namorados...
Na nossa frente, a estrada era florida;

Mais para além, nos largos horizontes,
A névoa a envolver os negros montes,
E, nós, juntinhos, contemplando a vida!

Maria Albertina Baeta

Publicações Recebidas

— **Mercado Filatélico** — Revista Mensal — *Director Artur de Vasconcelos — Porto.*

Recebemos o N.º 84 da 2.ª série — volume V — referente a Junho.

Profusamente ilustrado, este número insere o Catálogo Yvert, História da Filatelia, o Dia do Selo, Pelo Mundo dos selos, o Têxtil e o selo postal, e secção «Da Imprensa».

É para os interessados uma publicação útil e ao mesmo tempo agradável pela apresentação.

Gratos pelo exemplar.

— **Plateia** — Revista Popular de Cinema — *Director Baptista Rosa.*

O presente número de 1 de Julho, com capa de Carmem Sevilha, vem cheio de brilho e de frescor.

Além das reportagens sobre o cinema nacional, tão oportunas, inclui imenso noticiário do que vai pelo mundo na arte da tela, muito ilustrado e interessante.

A «Plateia» é bem, como o título o indica, uma revista cinematográfica que o público distingue e prefere.

Agradecemos a deferência do exemplar enviado.

— **Boletim da Casa do Alentejo** — *Director Dr. Victor Santos — Lisboa.*

Recebemos o número deste mês. Na capa, o falecido Ventura Abrantes, o grande português de Olivença —, livreiro muito conhecido e estimado; no interior, uma colaboração distinta, regional, que valoriza toda ela o Boletim em causa.

Lemos sempre com aprazimento esta revista mensal, e anotamos com admiração o esforço do seu Director na divulgação cultural das suas conferências e alocuções.

Muito obrigados pela gentileza deste exemplar oferecido.

— **Notícias da Venezuela** — *Boletim de Informações da Legação em Portugal — Meses de Maio e Junho — Lisboa.*

Embora de informações referentes àquele país, também serve para nos esclarecer acerca das ligações com Portugal, sempre amistosas e cordiais.

Os números presentes assim no-lo demonstram, o que sobremaneira nos encanta.

Agradecidos pela amabilidade com que honram «A Província» todos os meses, remetendo as respectivas publicações.

O Grupo Cénico Infantil de Alpiarça

Verdadeiro viveiro de artistas de palmo e meio, tem uma grande missão a cumprir, e merecia todo o carinho e apoio das entidades oficiais.

POR

João Calazans

Quando a Arte, através das suas manifestações públicas, além de nos dar um vasto campo de cultura e sociabilidade, nos oferece, desinteressadamente, uma Obra de real valor benemerente, sem dúvida que é merecedora, por parte de todos, de um especial carinho e afecto, e tudo o que ela alcance, aos olhos do Mundo, a torna mais bela e mais desejada.

Está neste caso, o GRUPO CÉNICO INFANTIL DE ALPIARÇA, que, além de nos revelar a promessa de novos valores, de nos dar uma lição de alto cunho moral e artístico, tem, como seu principal intuito, o espalhar a caridade em prol dos necessitados, angariando fundos com seus espectáculos para socorrer famílias pobres, e construir em Alpiarça, na sua terra natal, um bairro de moradias para aqueles que, na labuta diária do pão dos seus, não possuem um tecto limpo onde se abrigar.

Assim, através da Arte, e através da maior maravilha do mundo que Deus nos legou — as crianças —, o Grupo Cénico Infantil de Alpiarça, além de nos dar a conhecer páginas sublimes do nosso folclore, trechos musicais que o povo vulgarizou, dá-nos com seus «pequeninos grandes artistas», com as suas peças, os seus monólogos, as suas poesias, as mais belas lições de moral, os mais belos exemplos a seguir, tanto por crianças como por adultos, escrevendo uma página de beneficiência que é muito artista que se diz profissional. A peça, de Mário Cristino da Silva, — A B C — integrada na Campanha Nacional de Educação de Adultos, com Georgina Pacheco, Tereza Mendes, Fernanda Palhais (uma autêntica criada de província) e a pequenina Maria Amélia, atrás citada, é uma verdadeira lição de teatro, uma verdadeira página de arte e um louvável exemplo a seguir.

Em todo o espectáculo há nomes de real valor, vozes sublimes, como as de Fernanda Pacheco (que tanto canta em português como em espanhol), sempre certinha e com um volume de voz bastante elevado, sem haver uma desafinação, — Maria Cândida, que com um bom mestre, se deve revelar excelente declamadora, — Mário José, que com números próprios, se revela um bom cómico. — A estreante Olívia Maria, nem parecia estreante. — Artur Domingos, um verdadeiro rei de harmónica vocal. — Uma Maria Dulce, com uma figura graciosa e gentil que nos deu um «Toino do foguete», muito bem observado. Enfim! São tantos, tantos os pequenos artistas, que não há tempo para nestas breves linhas inumerar a todos. No um sol de resplandecente luz no auxílio ao nosso semelhante.

Há dias, foi-nos dado presenciar mais um dos seus espectáculos. Durou quatro horas. Foram quatro horas de alegria, de boa disposição, de graça, de encanto, de beleza.

De certo que há sempre os seus quês, que o Grupo não se pode julgar possuidor de artistas sem erro no palco; mas se isto sucede com os nossos grandes artistas, porque não havemos de encontrar os pequenos «senões» nestas crianças encantadoras que pisam o palco com um à vontade extraordinário, e representam com uma graciosidade e uma arte como verdadeiros senhores dos seus papéis!

De todos os números que vimos, o entreacto cómico «A TOMAZIA», tem na interpretação de Maria Amélia (uma encantadora criança de oito anos), uma comediante de graça e que envergonharia entanto, não quero esquecer o ar de graça, de carinho, de encanto, de amor, de poesia, que nos é dado pelas mascotes do grupo, os «Irmãos Silva» no seu Baião de Cá, ou noutros números que tivemos o prazer de ver. — Como número folclórico destacamos os «Campinos», num conjunto bem dançado e bem marcado. — A apresentação do espectáculo, entregue a António Flor e Maria Tereza, pecou, apenas, por ser feita de papel na mão. — Todo o espectáculo tem um ar de revista infantil do mais fino gosto; bom seria que o mesmo fosse apresentado completamente de cor, e não feito como é vulgar ver-se nos nossos espectáculos de rádio, em que os locutores vão para a frente do público com o «velho papel» na mão.

Para a Direcção do GRUPO CÉNICO INFANTIL DE ALPIARÇA, para os seus ensaiadores, (tanto coregráficos como do poema), para figuristas, caracterizadores, orquestra, e em especial para os «pequenos grandes artistas», das colunas deste jornal somos a apresentar os nossos sinceros parabéns, lembrando a quem na nossa região tem a seu cargo o apresentar espectáculos, que não deixaria de ser interessante que o nosso povo pudesse admirar estas «crianças artistas», contribuindo com a sua entrada para uma Obra digna de todo o carinho e da nossa maior admiração.

Assim, esperamos que muito em breve, MONTIJO possa ter no palco do *Cine Teatro 1.º Dezembro, por exemplo*, o GRUPO CÉNICO INFANTIL DE ALPIARÇA em mais um dos seus espectáculos, que, decerto, seria um êxito a juntar aos seus inúmeros espectáculos já dados por todo o país, incluindo aquele que foi apresentado em Espanha, a convite do Governo Espanhol, na Festa Nacional do Trabalho, em Badajoz.

E nós, cá os esperamos com toda a ansiedade, para mais uma lição de arte, umas horas de boa disposição e alegria, ajudando o simpático Grupo com todo o nosso amor, na angarição de mais uns fundos para a sua Obra encantadora, a bem do próximo e daqueles que precisam do seu trabalho, para que o «bairro para os seus pobres», seja uma realidade no futuro.

Bem Hajam as Crianças, que dão tão nobre exemplo de fraternidade Cristã!

DESPORTOS

Campeonato do Sul de Tiro aos Pratos

(Festas de S. Pedro)

Conforme o programa das Festas anunciava, realizou-se no Campo do Desportivo este torneio.

A concorrência foi extraordinária e as provas por equipas e individuais, decorreram com a maior animação.

Os resultados foram estes, segundo nos comunicaram:

Principiantes: 1.º Prof. Manuel Faria, 2.º José Vilacova, 3.º H. P. Stern.

Prova «Café Havanesa» (3.º ano): 1.º Dr. José Rodrigues Pablo, 2.º João Carlos Piteira, 3.º José Baptista.

Prova de Equipas (Fossa): 1.º Prémio à equipa constituída pelos seguintes atiradores: Teles da Silva, Guy Val Flor, Fernando Belard e Augusto Gomes.

2.º Prémio à equipa constituída por: João Uva, Dr. José Pablo, Francisco Louro e Luís Calheiros de Abreu.

Campeonato do Sul de Portugal

(Fossa Olímpica)

1.º Prémo «Taça C. M. M.»: João Serra; 2.º Prémio «Incitamento»: Augusto Gomes; 3.º Prémio «H P. Stern»: Luís Calheiros de Abreu: 4.º Prémio «C. D. Montijo»: Santos Silva; 5.º Prémio «Medalha»: Dr. José Pablo; 6.º Prémio «Medalha»: Emídio Uva.

A Taça a atribuir ao 1.º Classificado de Montijo, foi ganha pelo sr. José Vilacova.

Foi um número do programa que bastante entusiasmo despertou e que trouxe a Montijo muitos adeptos deste Desporto.

Uma interessante carta

O Motociclismo, desporto de grande classe

No último número do jornal, que V. dirige, no artigo intitulado Motociclismo, e em entrevista com o Snr. Mendo Saraiva Lobo, faz-se a apologia de um dos desportos mecânicos que mais susceptível é de criar fortes personalidades, adentro da especialidade de campeões de corridas internacionais em qualquer modalidade mecânica.

Acompanhei, por isso, com entusiasmo as conceituosas palavras do vosso entrevistado, que se revestem de uma oportunidade excepcional, e terão, em feliz resultado, o apoio de todos os adeptos do motociclismo.

Na verdade, ao afirmar que o motociclismo é um desporto apto a desenvolver grandes campeões de desportos mecânicos, baseio esta opinião no facto de que ele, como nenhum outro, exige um domínio absoluto de nervos, uma noção perfeita de equilíbrio de reacções, e, pondo o condutor como situado no centro da própria velocidade que o abarca em todas as formas, (incluindo a do forte contacto com a deslocação do ar), o coloca em condições de desprezar o perigo, ou melhor de demoniná-lo, numa consciência de superioridade sobre a máquina, que subjuga quáse, ao género de dócil e ágil corcel

Desde há cinco anos que tenho carta de condutor de motocicletas, e doía-me a alma o abandono sistemático em que ele vivia quase entregue apenas a iniciativas particulares; e lendo o notável artigo-entrevista com a personalidade inconfundível do motociclismo Nacional, que é o Senhor Mendo Saraiva Lobo, não pude deixar em claro, sem vir dizer do meu entusiasmo, pelas palavras, por esse Senhor preferidas, e dentro da minha modesta categoria de simples motociclista, ansioso de ver o meu desporto preferido elevado á posição a que tem jús, dizer que prestando a minha colaboração e oferecendo-a a todos os motociclistas de Montijo, teria empenho em aumentar e emprestar maior relevo aos desejos do Senhor Mendo Lobo, criando na vila de Montijo uma Delegação do Moto Clube de Lisboa que, em tais condições, colheria as primícias de ser o primeiro movimento a favor da ideia lançada pelo ilustre Presidente do Moto Clube de Lisboa, no sentido de tornar a sua acção extensível a todo o país, com a criação do Moto Clube de Portugal.

Montijo, que sempre se tem colocado na vanguarda de todas as iniciativas dignas de apoio, vai, assim o creio, aceitar a minha ideia, oferecendo a Portugal mais uma Delegação do Moto Clube de Lisboa, e dando objectividade aos desejos do Senhor Mendo Lobo.

A vila de Montijo está em condições magníficas de aceitar a ideia da criação de uma Delegação do Moto Clube de Lisboa, não só pelo número crescente de motociclistas, vespistas, etc., como ainda porque entre eles existe um grupo de rapazes arrojados que podem vir a ser grandes nomes no motociclismo Internacional, e também porque possuimos nesta vila Homens desejosos de engrandecer a sua terra com notável bairrismo, que virão ao encontro desta minha ideia.

Boa gente, boas estradas, corajosos e competentes motociclistas, entre os quais os valorosos rapazes da Base Aérea. Que mais será preciso, para que dentro em pouco surja em Montijo uma Delegação do Moto Clube de Lisboa?

Desculpe Senhor Director e receba os sinceros e respeitosos cumprimentos de

a) António Carlos Rodrigues

AGRADECIMENTO

Baixa da Banheira

António Joaquim Terezo

Seu filho António Joaquim Terezo, nora, netos, e esposa, vêm por este meio, na impossibilidade de o fazerem directamente, agradecer com todo o reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada seu chorado pai, sogro, avô, e marido.

LUTUOSA

Na Baixa da Banheira, Alhos Vedros, faleceu o sr. António Joaquim Terezo, de 90 anos de idade, natural de Almancil (Algarve) e ali residente.

O extinto, pessoa muito considerada e estimada naquela localidade, era pai do nosso prezado assinante, sr. António Joaquim de Sousa, a quem apresentamos sentidas condolências.

Columbofilia

Viana do Castelo - Montijo — 340 K.os — «Taça Júlio Miranda»

Vencedor: Francisco Jesus da Silva

Vencendo esta tirada, Francisco Jesus da Silva a segunda desta campanha, veio confirmar a excelente forma actual de sua colónia.

Tínhamos interesse em ouvi-lo para «A Província», porque o popular «Cheta» tem sempre algo para nos dizer.

Começou por nos informar que esta época, nas duas tiradas que venceu, tirou dois primeiros e dois segundos.

— Qual das duas sentiste mais prazer em vencer?

— Esta prova pela sua extensão, e onde se disputava uma das mais valiosas taças desta campanha.

— Sentes verdadeira predilecção por estas provas de meio fundo?

— De facto, dado as características de minha colónia, é no meio fundo e fundo, onde me sinto mais à-vontade.

— Falando de fundo, o que nos dizes sobre a prova de Burgos?

— Foi uma prova muito difícil, devido ao mau tempo, mas mais uma vez os meus «Stassarts» cumpriram plenamente.

Aproveito a oportunidade, por intermédio de «A Província» saudar Justiniano de Oliveira pelo excelente mérito de sua vitória, em Burgos.

— Sentes desejo de vencer algumas das tiradas que faltam?

— Teria enorme prazer em vencer Alicante, pelas características do percurso que se amoldam com os meus alados, e em que as minhas aves, competirão na maior prova desta época, pujante de forma, e que as enviarei no máximo de sua força, e se o tempo permitir espero triunfar.

— Tu, como um dos sócios mais dedicados da nossa sociedade, achas que tem decorrido bem esta campanha?

— A campanha tem decorrido dentro do razoável; além disso, é a que mais prémios tem apresentado para disputar. Lamento a falta de provas internacionais como Corunha, Madrid, Ciudad Real e Vitória, mas admitindo o afastamento dos grandes fundistas Diogo Mendonça Tavares e Alfredo Marques Soeiro, poucos se dedicam a estas provas, daí o alheamento de provas desta natureza. Daqui lanço o apelo àqueles dois excelentes amadores, para que regressem na próxima campanha, com o fulgor de outrora, para bem da modalidade.

— Gostaria que nos informasses porque se nota menos aves nos concursos?

— Em parte, devido ao baixo nível de vida em que vive a maioria dos amadores, porque a columbofilia, sendo um desporto rico em mão de pobres, reside a sua força nas classes pobres, e tu vês, quantos ricos praticam a modalidade em Montijo!

Também é de admitir que esta campanha tem sido a mais dura de todas as que até hoje se disputaram. Devido ao mau tempo, alguns amadores, que possuiam poucas aves, viram-se privados de concursar a meio da campanha.

— Desejas dizer mais algumas palavras?

— Uma saudação muito especial ao proprietário e Director de «A Província», jornal que desde o seu início tem acarinhado incondicionalmente a columbofilia local. Restava-nos agradecer tão simpáticas palavras, e desejar novos êxitos ao popular «Cheta».

A Vila de Montijo

Estudo histórico-monográfico, social e económico, incluindo completas reportagens retrospectivas e da actualidade.

Toda a vida comercial, industrial, artística, social e mundana de Montijo.

Milhares de fotografias. Dezenas de separatas em tricomia. A mais completa e luxuosa obra feita até hoje sobre a Vila de Montijo.

Uma obra para os jovens aprenderem a amar a sua terra.

Uma obra para os velhos recordarem com emoção.

Uma obra para todos guardarem com religioso carinho.

A vida de Montijo; a vida dos seus habitantes; a vida das suas instituições.

Tudo numa só obra. Uma só obra para tudo.

Fascículos mensais de 18 páginas, impressos a várias cores, em papel especial, e com uma separata em tricomia.

Se ainda não recebeu o Plano e Condições de Venda desta Edição Monumental, peça hoje mesmo aos *Depositários e Distribuidores Exclusivos*: **REPAL, LDA.**, *P. Gomes Freire de Andrade — Telef. 026378 — MONTIJO.*

Que lhes enviarão gratuitamente e sem qualquer compromisso um lindo Folheto de propaganda com a descrição de toda a obra.

Classificação

Francisco Jesus da Silva, 1.º e 2.º; Francisco José Viegas e Castro, 3.º, 5.º e 8.º; Victor Viegas, 6.º; Aldemiro E. Borges, 7.º e 17.º; Jorge S. Lopes, 9.º; João Teadoro da Silva, 10.º; Laurentino de Oliveira, 11.º; Cristiano J. Moreira, 12.º; José Correia Leite, 13.º 14.º e 19.º; Reinaldo Bernardo, 15.º; Joaquim Sousa Lopes, 16.º; Eduardo Terras, 18.º e 20.º.

Eduardo Baeta

As Vespas e a nossa Batalha de Flores

Ainda se não apagou do espírito dos montijenses a esplêndida colaboração que o Vespa Clube de Lisboa veio trazer às nossas Festss Populares de S. Pedro.

A sua entrada triunfal na vila e o desfile de 139 máquinas, na maioria com seus «penduras», pelas ruas de Montijo, logo impressionaram profundamente quantos assistiam.

O melhor, porém, foi quando, na tarde inolvidável de 1 de Julho, essa embaixada desportiva se incorporou no cortejo da Batalha de Flores, abrindo caminho e dando ao espectáculo uma nota alegre, garrida, colorida, que realçava o valor da presença de tão interessante representação.

Por seu lado, o Vespa Clube de Montijo, em organização, acompanhando a embaixada e os domais vespistas do conjunto, deu uma prova do seu civismo e camaradagem que calou bem fundo na alma dos visitantes e na observação de todos.

Para a história documentária dos acontecimentos, publicamos hoje uma gravura bastante expressiva acerca dessa colaboração.

Montijo não esquece aqueles que o honram com a sua presença nos momentos festivos da sua vida local.

Estas palavras e a gravura que publicamos são a prova iniludível da infinita gratidão de todos os montijenses para com os prestigiosos desportistas que nos vsitaram e nos acompanharam no d 1 de Julho de 1956.

VIDA MUNICIPAL

Na sessão da Câmara Municipal, realizada em 17 do corrente, foi presente, com o parecer favorável da Comissão Municipal de Higiene, o regulamento do cemitério.

Este regulamento foi apreciado na reunião; mas, atendendo à sua magna importância, a Câmara deliberou pronunciar-se oportunamente, depois do necessário estudo.

Resoluções:

Foram presentes requerimentos de alvarás de licenciamento sanitário (4); de venda de terrenos no cemitério (1); e de certidão de assistência judiciária (1).

Foram todos deferidos.

José Teodósio da Silva
(Herdeiro)
Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)
Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junípero, Cremes de todas as qualidades, etc.
Fabricos pelos sistemas mais modernos.
Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9
MONTIJO

MOEDAS ANTIGAS
Em cobre, prata ou ouro, compra particular. — E. P.
Rua Almir. Cândido dos Reis, 18
MONTIJO

Casa de Móveis
DE
Luís Moreira da Silva
Gerência de
Francisco Campos
Apresenta um grande e variado sortido de Mobílias restauradas e uma grande diversidade de móveis avulso. — Compram-se e vendem-se móveis aos melhores preços.
Rua do Hospital, 16 — Montijo

Famintos de Amor

(Continuação da 1.ª página)

automàticamente e tudo virá por si mesmo, — tão fatal e consequente como o é a detonação duma arma que se dispara e a trajectória do projéctil.

Os homens são autênticos famintos de Amor, que mendigam pão, quando deviam conquistar carinho, e por isso eles se degladiam e parecem querer devorar-se uns aos outros. Enquanto eu saborear o meu pão regaladamente, sem me lembrar de que todos têm o mesmo direito de fazer outro tanto, o meu semelhante há-de estender-me a mão com desconfiança e sorrir-me com hipocrisia. E de nada me servirá queixar-me dele, antes devo queixar-me de mim própria.

Todas as Filosofias, como todas as religiões, todos os pensadores e todos os mentores se encontram num mesmo ponto comum de fé ou de princípio: a Harmonia é a grande soberana da Existência, a pedra angular em que assenta todo o edifício da Realidade Universal. E o único equivalente da Harmonia é o Amor.

Se no Universo não houvesse a Harmonia, era impossível a existência dos sistemas solares e planetários, como impossível a existência dos corpos viventes, — unidade e coesão admirável de células autónomas. O que é a coesão, o mecanismo harmónico e espantoso do Macrocosmo? Incógnita alucinante para o Homem, que apenas pode verificar a aparência das cousas. E a *aparência* que ele verifica, indubitàvelmente, humildemente, é a *Harmonia*. E assim como a Harmonia do Cosmos nos dá o Universo em que vivemos e de que somos partículas, e a Harmonia dos sons nos dá a Música, assim a Harmonia dos Homens nos dará o Amor.

O Amor é a única chave do maior segredo do Mundo, que todos procuram alcançar, mas poucos desejam merecer: a Felicidade. Resume-se na fórmula positiva e dinâmica, que ainda ninguém quis tomar para si: — *Faz aos outros o que queres que te façam a ti.*

Quando os homens tiverem adoptado essa fórmula como regra de vida, o Amor dirigirá o Mundo, e a Humanidade terá conquistado a Felicidade. Até lá, porém, continuaremos todos famintos de Amor na aridez do Egoísmo, a deambular perdidos, desamparados e solitários, num Deserto sem Oásis, sem Pão e sem Água.

Alsácia Fontes Machado

Há apenas imprensa

(Continuação da 1.ª página)

O espírito de solidariedade, com perfeito conhecimento de causa, deve preponderar nas tais classificações e igualar, perante o martírio, o esgotamento, o trabalho exaustivo, quantos fazem parte desta grande família.

Ninguém se faz velho nesta missão. Os cérebros cansam, os intelectos esvaiem-se, as faculdades perdem-se, e o martirológio cresce dia a dia.

E estes factos tanto se dão aqui como ali, de cá como de lá.

Sejamos, pois, irmãos da mesma confraria, — vítimas da mesma crueldade de esforços, de igual dispêndio de energias.

O leitor, quando lhe chega às mãos o seu jornal favorito e passa a vista a correr sobre os textos, nem sonha, sequer, o que representa em atenção, em gastos de massa cinzenta, em prejuizos cerebrais, em canseiras de todo o feitio, o que tem na sua frente.

E olhem que na GRANDE IMPRENSA cada jornalista tem a sua secção, a sua especialidade, enquanto na outra, na tal denominada PEQUENA, há sòmente um ou dois *teimosos* que de tudo se ocupam, de tudo tratam, de tudo são encarregados pela força do Destino!

Acabemos, portanto, com a diferença e mais ainda com a forma como ela é feita, — com certo olhar piedoso e depreciativo que nos fere e nos magoa.

A Imprensa é apenas Imprensa; mas é toda ela Grande, muito Grande, e somos todos Grandes, muito Grandes mártires deste Gólgota.

Pequenos, só os que a degradem, só os que a denigram.

Álvaro Valente

Pratos de arroz doce

(Continuação da 1.ª página)

confessar nossos erros; provaremos desta maneira que somos hoje mais sensatos do que éramos ontem e que desejamos aperfeiçoar-nos.

Fui de Lisboa a Castelo Branco, por Nisa e Portas de Ródão. Aqui, onde precisamente pára o Alentejo e começa a Beira, a longa paisagem impressiona pela beleza quase brutal.

O Tejo, ali miudinho mas serpenteando aqui e ali por entre areia finíssima, tem encanto rude, com margens quase a pique, altaneiras, estreitas, que logo se alargam para tornarem a estreitar. A estrada por onde se caminha, ladeada de flores e verdura, sobe e desce em constantes ziguezagues como árvore amiga a sorrir-nos e a proteger-nos.

Não há dúvida: Portugal é lindo. Lindo e amado por quem o sabe amar.

Amaral Frazão

De vez em quando...

Deliciosos Parques Infantis

(Continuação da página 8)

fósforos e destruir a casa do vizinho.

Na Cidade Livre os «cidadãos» dispõem de toda a espécie de matérias-primas para trabalhar: madeiras usadas, tijolos refugados, pregos velhos, canos mais ou menos imprestáveis e toda a sorte de instalações e objectos, de segunda mão. As ferramentas necessárias são fornecidas pela prefeitura.

Algumas crianças trabalham sós, outras em grupo. De uma vez encontraremos um grupo de meninos de dez anos a construir um curioso prèdiozinho de tijolos de três ou quatro andares. Outra vez que por lá passemos, poderemos nada ver acima do solo, a não ser confusa massa de canos — respiradouros de labiríntico subterrâneo escavado pela criançada...

Pessoas ilustres e influentes de Estocolmo, recordando-se talvez das frustrações da sua própria infância, contribuiram generosamente para a construção dessa nova fonte de diversões infantis. Funcionários da empresa de transportes urbanos da capital sueca doaram, por exemplo, *eléctricos* velhos. A força aérea presenteou a Cidade Livre com alguns aviões inaproveitáveis. Um negociante de objectos usados contribuiu com vários automóveis antiquados.

«As crianças amam entranhadamente esses veículos», afirma Holger Blom. «Desmontam-nos, por vezes, peça por peça: outras vezes constroem coisas em cima deles».

Todos os que lá brincam são cidadãos da Cidade Livre. As decisões mais importantes são tomadas pelos funcionários eleitos: dez vereadores e um prefeito.

Na qualidade de superintendente do serviço de parques, declara Blom: «Esses montões de ferros velhos dão às nossas crianças confiança em si próprias e senso de responsabilidade. E, não menos importante, começam a afastá-los a pouco e pouco dos quintais e das ruas perigosamente movimentadas.

Record Sensacional!

1 Milhão em circulação!

Atestando a preferência que todo o mundo dá à

VESPA

O PRIMEIRO SCOOTER DO MUNDO

Agentes Exclusivos:

MARPAL, L.DA

MONTIJO

N.º 15 Folhetim de «A Província» 19-7-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

— Mas isso dá-se uma vez ou outra... e não é caso para ir logo à folha.

— Uma vez que se dê, é justo que se pague. Acho que, por esta forma, ficamos com autoridade para exigir o cumprimento dos deveres, o que doutra forma não conseguimos.

— Não conseguimos? Ora essa! Despede-se. O que não falta é quem queira trabalhar...

— Afinal, — disse o engenheiro com relativa placidez, essa teoria não passa duma violência; e, segundo aquele senhor há pouco afirmou, a gerência das obras que dirijo e de que tenho a responsabilidade técnica não quer semelhante coisa. De sorte que, — não os entendo!

Então o sócio que primeiro falara, ao ver que a disputa se complicava, resolveu intervir novamente para lhe pôr cobro:

— Bem. O assunto não merece tamanha controvérsia. O nosso engenheiro tem a nossa confiança e é pessoa suficientemente sensata para evitar conflitos. Ficamos convencidos de que procederá sempre de acordo com as nossas conveniências, evitando abusos e não consentindo em prejuízos para a nossa empresa.

— Absolutamente. É essa a minha obrigação. Nunca me esquecerei, porém, de que tenho consciência e de que por ela guiarei sempre os meus actos. Sempre que houver horas extraordinárias, mandarei pagar e pela forma que a lei determina. Se assim lhes convenho, muito bem; se não, a porta por onde entrei, é a mesma por onde posso sair, sem qualquer animosidade da minha parte...

E o sócio, que sabia como o engenheiro lhes fazia falta naquela altura, — já por ser o autor definitivo dos planos, já porque estava senhor da «alma dos negócios», pôs ponto final no assunto:

— Não há necessidade alguma de transformar uma simples conversa de amigos num conflito irredutível. Façamos de conta que nada se passou. O engenheiro continua na sua marcha, procede como entender, e pronto.

No entanto, o engenheiro saíra agoniado daquela conferência. Conhecia perfeitamente os três sócios e o passado. A guerra fizera deles os três potentados que nesse momento singravam na alta finança, movimentando capitais a seu belo grado e dando cartas nas questões bancárias da praça.

Recordava-se das três posições anteriores, quando vegetavam e rebuscavam pelos «cafés» e pela vida negociatas escuras, de sonegação e especulação, sempre às voltas com arteirices e malabares.

Recompunha depois as novas posições, aos quatro e cinco anos de guerra, já de automóveis luxuosos, — os seus «espadas» —, como diziam, amantes caras, quintas e chalés pelas ribas de além, nas costas norrenas, jóias e indumentárias do último tom, cumprimentando e falando ao cimo das suas importâncias, superiormente, com certa *nonchalance* da moda que dava nome e chique.

Depois ainda, considerava a ignorância dos três. Tinham a gíria patusca do dia-a-dia, na convivência das transacções acesas, de lume no olho, em que abundam os «não me interessa», o *navicet*, o *cif* Tejo e Douro, e quejandas, com escapadas pelo calão pífio de alcouvetas e famélicos sugadores. Não escreviam dois períodos sem ferir a ortografia e beliscar na gramática; mas às horas notáveis entravam pelas livrarias, folheavam livros e revistas, metiam dois ou três na cova do braço esquerdo, e iam depois flanar pelos centros de máxima paspalhice a darem-se ares de cultos...

Os «formados», os que tinham levado a vida no estudo e nos cursos, não passavam da «cepa torta», andavam ao farisco dos «caídos», com orçamentos esticados, ou «à lisa».

De que lhes tinham servido os anos de sacrifício, as noites estafadas no embrulho dos malditos cálculos, os tormentos dos exames e dos actos, tanta «sebenta», tanto cartapácio, tanto esforço intelectual?

(CONTINUA)

A Tua Página

Coligida para a mulher moderna, por Olga

BREVE CARTA PARA TI

Minha querida:

Sei que casaste há pouco. Venho dar-te os meus parabéns com os desejos ardentes de que a tua nova vida seja repleta de felicidade. E a sinceridade dos meus votos traduz-se nesta breve carta que te dirijo.

O que o teu marido, certamente, encontrou em ti para prendê-lo, foi uma juventude gritante, uma alegria, uma vivacidade que te tornou diferente das outras mulheres. Foi disto que ele gostou, embora tu sejas bonita, inteligente, prendada, boa dona de casa, económica, — predicados de tanta necessidade no momento presente.

Deste modo, se quiseres continuar a viver feliz pela vida fora, apenas te resta continuar a ser aquilo que sempre foste: terna, afeiçoada, jovial, viva, inteligente, prendada, boa dona de casa, elegante e, sobretudo, jovem.

Estou mesmo a ver a tua cara! Jovem!

— «Então tu queres que eu continue a ser jovem enquanto os anos passam?».

Exactamente! Há muita maneira de ser jovem. A juventude não conhece idades! Quem quiser verificá-lo, bastará apenas conhecer na intimidade o director deste jornal. Tu podes ser eternamente jovem e se o conseguires terás sempre a felicidade em tua casa.

Estes conselhos dá-tos uma mulher casada há doze anos.

— «E quando vierem os filhos?» — dirás.

Bem, os filhos ainda não vieram. Depois te contarei como eu própria procedi: talvez possas tirar algum proveito.

Envolve-te num amplexo de ternura e amizade a tua

Olga

Quem é esta artista portuguesa?

Em todos os números de «A tua página» virá publicada a fotografia de uma artista portuguesa. Entre as leitoras que me escreverem dentro do prazo de oito dias, após a publicação, a dizerem qual o nome da artista, sortearei um brinde, que será anunciado simultâneamente com a publicação da fotografia.

Esta iniciativa tem o objectivo de chamar a atenção do público para as artistas portuguesas que são de tanta categoria e beleza como quaisquer artistas estrangeiras, muito embora os grandes e pequenos jornais raramente lhes publiquem o retrato em local de destaque, outro tanto não acontecendo com qualquer «pin-up» estrangeira, mesmo que o único *talento* que tenha seja a beleza, mais ou menos fotogràficamente retocada, do seu físico.

Querida leitora, escreve-me indicando o nome da artista de que se publica a fotografia e que em beleza e talento nada fica devendo a qualquer outra.

Entre as leitoras que acertarem sortearei uma vistosa e moderna blusa de malha.

Três amorosos vestidos para os teus pequeninos. Poderás adorná-los com bordados finos, que ficarão muito graciosos.

Mistérios do Toucador

Cassilda foi ao baile, e tão formosa,
Que fez inveja a todas as senhoras;
Muito embora gentis, encantadoras,
Nenhuma era tão bela e majestosa.

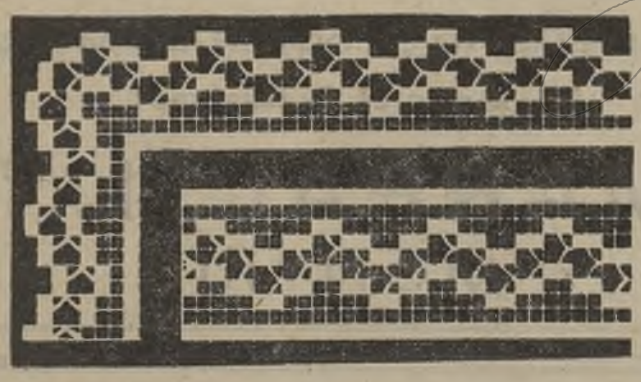
Tinha a cútis rosada e setinosa,
Tinha no olhar o brilho das auroras;
Tinha as formas perfeitas, sedutoras;
E ela passava altiva e donairosa.

De valsas e sorrisos fatigada,
Assim falou depois com a criada
A sós, ao toucador, vendo as feições:

«Fui rainha do baile! Que patetas
São os homens! Recolhe nas gavetas
Os dentes, o cabelo, os algodões...»

Mariana Angélica de Andrade

«CROCHET»



Aqui tens uma espiguilha e entremeio igual. E' simples e interessante.

Pode ser que ele goste...

Sopa de Veludo

1 colher de azeite, 3 batatas, 3 cenouras, 2 colheres de manteiga, 3 nabos, 2 gemas de ovos, 70 gramas de pão duro, e 2 colheres de tapioca.

Põem-se a cozer, numa panela, os nabos, as batatas, as cenouras, e o pão. Tempera-se de sal e pimenta. Quando tudo estiver bem cozido, passa-se pelo passador e junta-se-lhe a tapioca. Deitam-se na terrina as gemas e a manteiga, que se ligam com caldo morno para não talharem. Serve-se sem voltar ao lume.

Bacalhau à Vianense

Cortam-se batatas em triângulo e cebolas em meia lua e levam-se a cozer e a corar, ao forno, num tabuleiro com sal e azeite. Dá-se uma fervura ao bacalhau, que deve ser do lombo gordo, em água a ferver e escorre-se.

Faz-se um molho com bastante azeite, alhos e colorau; passam-se as postas do bacalhau, uma por uma, e põem-se no tabuleiro. Depois das batatas coradas, regam-se com o molho que sobrou e vai novamente ao forno a corar. Serve-se o bacalhau numa travessa com as batatas e as cebolas dos lados e salsa picada por cima.

«Fricandeau»

Escolhe-se um pedaço de perna de vitela, lava-se e lardeia-se com toucinho.

Põe-se num tacho, com uma colher de banha, outra de margarina. Rodeia-se com cebolas pequenas, tiras de cenoura e ramos de salsa.

Juntam se alguns bagos de pimenta em grão, dois cravos de cabecinha e um pouco de sal grosso.

Leva-se o tacho a lume brando e deixa-se fritar a carne até adquirir cor alourada.

Rega-se com caldo de carne, tapa-se o tacho e deixa-se cozer em lume brando.

Serve-se com molho de tomate.

Creme de amêndoa com suspiros

Desfazem-se 50 gramas de farinha de trigo em 2 decilitros de leite frio; juntam-se 100 gramas de miolo de amêndoa pisado; 125 gramas de açúcar; uma pitada de sal e duas gemas de ovos.

Põem-se ao lume 4 decilitros de leite. Quando ferver, retira-se do fogo; deita-se na mistura e leva-se tudo a lume brando para ferver e engrossar, mexendo sempre para que as gemas não talhem.

Deita-se o creme numa taça.

Batem-se as duas claras de ovos com 300 gramas de açúcar refinado e um pouco de raspa de limão até se obter uma massa dura.

Coze-se em montinhos, dentro de tabuleiros untados com manteiga, em forno de calor muito brando.

Colocam-se os montinhos sobre o creme e serve-se.

De vez em quando...

DELICIOSOS PARQUES INFANTIS

Quando Holger Blom, superintendente do serviço de parque de Estocolmo, arquitectou um plano para a construção de novo tipo de parque de jogos infantis, seus amigos tudo fizeram para dissuadi-lo da ideia.

«Não há suficiente disciplina para isso». Objectaram. «As crianças se tornariam demasiado brutas. Seriam capazes de se matar com martelos ou de se esquartejar com as serras».

A apreensão dessas pessoas não era de todo injustificada. Blom imaginara uma praça de diversões onde as crianças de seis a quinze anos pudessem «brincar livremente, desenvolver as suas vocações, tazerem-se por si, enfim». Acima de tudo almejava Blom proporcionar à petizada um refúgio para onde pudesse escapar, libertando-se temporàriamente do ambiente austero e inibitório do lar e da escola.

Um desses campos de liberdade e recreação, que recebeu o nome de «Cidade Livre», estabelecido numa área de cerca de cinco mil metros quadrados, entrou em funcionamento na zona sul de Estocolmo, como resultado do projecto de Holger Blom.

Ao observador estranho, a Cidade Livre poderá parecer um depósito de ferros velhos. Mas, para as duzentas crianças que lá se divertem regularmente, é um paraíso terrestre. Sòmente três coisas são proibidas nos limites da Cidade Livre: andar descalço, levar

(*Continua na página 7*)

Aqui tens a resposta...

Maria Gabriela — Agradeço a tua carta amiga. Registei os reparos que fizeste a «A tua página» e espero que a presente te agrade mais. São palavras construtivas como as tuas que me fazem falta. Dizer às amigas que a página não tem interesse, que deveria ser assim, desta, ou daquela maneira, não basta. O que é preciso é que as leitoras façam como tu: dêem sugestões, digam o que lhes agradou e o que lhes desagrada. Muito obrigada e podes contar sempre com esta tua boa amiga.

Zézinha — Ficaram registadas as tuas sugestões. Obrigada.

Ana Matalda — Procuro atender o teu pedido com o modelo que hoje se publica. Dispõe sempre da tua boa amiga

Olga